

A Negritude no Jornalismo Brasileiro: Imprensa Negra e Jornalismo de Revista como Instrumento de Luta Contra o Racismo Estrutural¹

Gabriella Gomes Marinho do Amor Divino²
Prof. Dr. Paulo Nabarrete Bastos³
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

A presente pesquisa levanta questões ligadas ao racismo estrutural presente nas vertentes jornalísticas do Brasil, especificamente, a imprensa negra e o jornalismo de revista. Busca-se uma contraposição entre os dois casos, para que se compreenda a problematização e a resolução presente em cada um, bem como o papel do jornalismo nesse âmbito, de forma reivindicativa e/ou colaborativa, por meio de um estudo articulado de artigos científicos dentro dessa mesma temática.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; imprensa; revista; negritude; racismo.

INTRODUÇÃO

O debate da questão racial no Brasil teve início ainda nos tempos escravistas, onde buscava-se a conscientização e reivindicações através da criação de jornais exclusivamente negros. A partir dessa noção, este estudo aborda duas visões opostas dentro do jornalismo brasileiro, sendo uma a atuação da imprensa negra no país, e a outra, a representação do negro enquanto objeto de estudo/notícia. Por meio da comparação das duas situações, é possível entender a importância da análise de cada uma, bem como a maneira que uma pode “solucionar” a outra.

REFERENCIAL TEÓRICO

Valmir Teixeira, da Umesp, e Isabel Clavelin, da FAC-UNB, em seus respectivos artigos, O papel da Imprensa Negra Brasileira e Imprensa Negra: descobertas para o Jornalismo Brasileiro, trazem uma abordagem histórica sobre 3 períodos da imprensa negra no país:

¹ Trabalho apresentado na DT 1 - Jornalismo do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Estudando de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo do IACS-UFF, email: gabriellagomes@id.uff.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do IACS-UFF, email: pablobastos@id.uff.br

era da escravização, pós-abolição e ditadura militar. Neles, faz-se uma relação referente às mudanças nos jornais negros durante esses anos, evidenciando que as reivindicações pelos direitos dos africanos escravizados e seus descendentes, teve uma de suas origens no jornalismo. Isso implica na extrema importância do papel social do jornalismo enquanto ciência/profissão, não só levando informação à comunidade negra, mas também, sendo instrumento de luta para a mesma. Jorge Luis Fedoce, jornalista pela UFJF, em seu artigo Rompendo o silêncio: Com a palavra o Jornalista Negro de Juiz de Fora, levanta a questão do eurocentrismo no jornalismo nacional, partindo da percepção de exclusão de jornalistas negros no protagonismo de telejornais brasileiros. Essa colocação encaminha o debate para o âmbito da construção histórica da superioridade imaginária branca, que delimita um padrão de branqueamento dos representantes físicos da mídia jornalística. Ainda dentro dessa linha de conhecimento, cita-se os artigos Jornalismo e Humanização: heranças eurocêntricas no pensar e no fazer jornalísticos e A Construção do Feminino Negro no Jornalismo de Revista Brasileiro, respectivamente de Jorge Ijuim e Leandro dos Santos. Estes artigos discutem sobre a representação do negro (geralmente feita por brancos), enquanto indivíduo, na mídia (noticiários, jornais, revistas, etc). Por meio de comparações entre a noticição de um crime cometido por uma pessoa negra vs uma pessoa branca em um jornal, e entre a retratação de uma mulher negra vs uma mulher branca em uma revista “feminina”, os periódicos problematizam a maneira em que o racismo é disseminado na sociedade através de publicações midiáticas em massa. Questões como discriminação, preconceito e hiperssexualização (da mulher negra, no caso) são problematizadas, a fim de que haja toda uma conscientização sobre a imagem passada por essas vertentes jornalísticas sobre o corpo negro para a sociedade.

METODOLOGIA

A pesquisa foi voltada para a busca de artigos científicos e acadêmicos baseados nas temáticas: racismo estrutural; imprensa negra; racismo no jornalismo brasileiro e representação do indivíduo negro como objeto de estudo/notícia no jornalismo nacional. Foi dividida em três etapas: seleção dos artigos, leitura analítica dos artigos e destaque de trechos considerados mais relevantes através do estudo estratégico dos materiais.

Por fim, foi feita a esquematização do resumo expandido, que encaminhará futuramente, a criação de um artigo sobre o tema abordado.

RESULTADOS PARCIAIS

O primeiro periódico negro publicado no Brasil foi O Homem de Cor, em 1833, de Paula Brito, considerado por muitos pesquisadores o precursor da imprensa negra. No século XX, ela tem sua ascensão com a criação de diversos jornais negros como A Pátria (1899) e O Exemplo (1892). Com o passar dos anos, com a influência da imprensa negra e a organização dos Movimentos Negros (o MNU, por exemplo), foram elaborados ainda mais jornais, como o Jornegro (1978), criado em plena ditadura militar. Outro marco importante para o jornalismo negro no Brasil, foi a revista Raça (1996), na qual sua primeira edição vendeu cerca de 270 mil exemplares, recorde imbatível até então. Nela, eram publicadas matérias sobre a valorização da cultura e beleza negra. Em vista disso, o jornal impresso e o jornalismo de revista foram importantes mecanismos de luta e valorização cultural da comunidade negra, confrontando o sistema racista e discriminatório reproduzido tanto na sociedade, quanto na mídia, como aponta Ijuim (2020). No âmbito do audiovisual, em 23 de setembro de 2002, Heraldo Pereira se tornou o primeiro jornalista negro a assumir a bancada do telejornal mais antigo do país, o Jornal Nacional, contrariando estereótipos impostos pela “soberania branca” no jornalismo televisivo, que costuma marginalizar o negro cotidianamente.

Atualmente, a imprensa negra conta especialmente com as plataformas digitais e os jornais eletrônicos, dentre os quais podemos citar Mundo Negro, Afro TV, Alma Preta Jornalismo, Africanize, etc. Todos esses portais abordam temas do universo negro, somando milhões de seguidores e alcançando diversos internautas em frações de segundos, apresentando pautas muitas vezes desprezadas pela imprensa tradicional.

A partir de toda essa análise, o presente resumo busca associar a retratação discriminatória da população negra, feita pelo jornalismo brasileiro, à importância da atuação jornalística do indivíduo negro para a sociedade. Muito além de um “afrote”, o jornalista negro, as revistas negras, os portais midiáticos digitais negros e os jornais negros, depois das ações de políticas públicas, são a principal chave para combater o racismo, fortemente enraizado na sociedade brasileira. É por meio deles, que são disseminadas informações voltadas para a comunidade negra sobre discriminação, arte, cinema, música, política, e sobre tudo, a valorização da cultura negra, que há pouco tempo atrás, era vista com um olhar de inferioridade. Hoje, como o rapper baiano Baco Exu do Blues diz, “tudo que quando era preto era do demônio, e depois virou branco e foi aceito”, ou seja, a representatividade desses veículos foi tamanha, que atualmente indivíduos não pertencentes à cultura preta

se apropriam de elementos culturais pretos, o que deve ser problematizado, mas que também condiz com o processo de desinferiorização da cultura negra. Hoje, devido a toda trajetória da imprensa negra, é possível a discussão sobre pautas raciais, a problematização de estereótipos racistas e a percepção da discriminação racial como crime. Ainda há muito pelo o que lutar, contudo, é necessário refletir sobre a importância da visão do indivíduo negro dentro do jornalismo brasileiro como forma de modificar e combater não só o racismo em si, como também, o sistema eurocêntrico presente nas vertentes jornalísticas. Isso só será possível, por meio da adoção de protagonistas negros dentro do jornalismo e dos veículos de comunicação em massa, que trarão o real olhar da maioria dos indivíduos desse país, para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Valmir. **O papel da imprensa negra brasileira**. Alterjor, São Paulo, v.02, n.20, p.212 a 228, jul/dez. 2019.

FEDOCE, Jorge. **Rompendo o silêncio**: Com a palavra o Jornalista negro de Juiz de Fora. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj, UFJF, setembro,2005.

IJUIM, Jorge. **Jornalismo e humanização**: heranças eurocêntricas no pensar e no fazer jornalísticos. Extraprensa, São Paulo, v.13. n.2, p.91 – 108, jan./jun.2020.

ROSA, Isabel.**Imprensa Negra**: descobertas para o Jornalismo brasileiro. Estudos em Jornalismo e Mídia, v.11, n.1, p.555 - 568, jul./dez. 2014.

SANTOS, Leandro. **A construção do feminino negro no jornalismo de revista brasileiro**. Caderno Espaço Feminino,v.21, n.1, p.167-179, Jan./Jul.2009

